

## TEORIA QUEER E HIBRIDISMO ATRAVÉS DA ARTE DE DIANE ARBUS, NAN GOLDIN E MATHEW BARNEY

BONILHA, Caroline  
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense

Orientadora: ROSA, Úrsula  
Universidade Federal de Pelotas

### 1 INTRODUÇÃO

As discussões que tem na categoria gênero sua marca principal adentraram as academias, de forma mais enfática, a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, causando as mais variadas repercussões. O momento histórico em que tal enfoque teórico começou a ganhar contornos nítidos também foi aquele em que as atenções começaram a voltar-se para o corpo de forma diferenciada do que havia ocorrido em momentos anteriores. Também no mesmo período, podemos demarcar explorações de temáticas relativas a esses polos pela arte, que o fez, e continua a atuar em tal perspectiva, a partir de novos olhares e da exploração de novas possibilidades estéticas e performáticas.

A representação do corpo é uma constante para arte, no entanto, alguns artistas contemporâneos, entre os quais Diane Arbus, Nan Goldin e Mathew Barney não só representam corpos, no sentido de tornar visível algo no lugar de outra coisa, mas operam através da apresentação de configurações corporais que desafiam as definições binárias de ser homem ou mulher, fazendo emergir ao invés de limitações impostas por gênero e sexo, possibilidades de vir a ser aquilo que se deseja. Tanto as pessoas apresentadas por Nan Goldin, quanto os personagens de Mathew Barney surgem entre as polaridades convencionalmente aceitas de feminilidade e masculinidade, sem serem uma ou outra coisa, e sim ambas. Esses artistas tornam visíveis corpos que antes eram silenciados e mantidos no âmbito privado. A lógica a partir da qual operam agora é outra, eles são explorados através de suas potencialidades plásticas, são teatralizados, tornados espetáculo e acabam impondo uma desordem na ordem corporal dominante.

O que importa então é pensar de que forma se articulam a materialidade do corpo e a performatividade do gênero quando isso não acontece através de imposições binárias, mas entre elas, e mais, de que forma a arte contemporânea tendo como expoente artistas específicos opera, representa e apresenta essa materialidade.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Pesquisa de caráter qualitativo, desenvolvida a partir da localização, leitura e análise de livros e artigos científicos que abordem os temas arte contemporânea e teoria queer. Também se faz necessário destacar a importância da localização e análise de material imagético e bibliográfico sobre os três artistas escolhidos como âncoras para o trabalho: Daiane Arbus, Nan Goldin e Mathew Barney.

A partir da reflexão realizada através da pesquisa bibliográfica e da leitura e análise das imagens selecionadas será possível traçar as relações desejadas entre esses três artistas representantes da arte contemporânea e a teoria queer. A hipótese apresentada aqui é a de que a internalização do conceito de sexo biológico como algo inseparável e determinante para construção tanto do corpo como da identidade traz consigo a produção de uma memória do que deve ser mulher ou homem. A materialização dessa memória ocorre através de significações imagéticas que definem os sujeitos como mulheres ou homens. O que pretendemos analisar é a possibilidade de ultrapassar tal materialização maniqueísta apresentada pela imposição do sexo e do gênero. As imagens criadas e capturadas por Daiane Arbus, Nan Goldin e Mathew Barney apresentam a possibilidade de ser outra coisa, a possibilidade de um corpo híbrido, mulher e homem.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Consideramos importante, num primeiro momento, retomar questões relativas aos estudos de gênero, relacionando a construção da ideia de naturalidade do sexo biológico à naturalização da exploração da imagem do corpo, sempre pensado a partir de relações binárias e impositivas de feminilidade ou masculinidade, criando assim um ideal de corpo excludente. Dada a relevância e atualidade das questões de gênero, problematizá-las em áreas de produção do saber que se acreditam neutras, no caso específico da pesquisa a arte; é de suma importância, pois se abre caminho para uma maior compreensão dos processos de incorporação e reconstrução simbólica e subjetiva de identidades de gênero, assim como nos faz perceber através de outras perspectivas relações de poder ocultas na representação do corpo. Desmistificar a ideia de representação neutra do corpo, explorando significações implícitas que se manifestam de maneira subjetiva na representação imagética de mulheres e homens é um dos objetivos da pesquisa.

Quanto aos artistas escolhidos para pesquisa, até o momento, o trabalho de Nan Goldin foi o mais explorado. Nan Goldin produz sua obra através da fotografia. A justificativa da artista para escolha da técnica fotográfica como meio de expressão está vinculada as possibilidades de registro de memória atribuída por ela às imagens. Goldin afirma que desde muito cedo entendeu que aquilo que ela via na televisão não coincidia com a sua realidade. Daí a necessidade de registrar sua trajetória através da fotografia. A imagem parece funcionar para a artista como espécie de prova existencial e de fato, isso está representado em sua obra em algumas de suas declarações a respeito. Goldin registra momentos de sua intimidade e da intimidade de seus amigos. Suas imagens, segundo a própria artista, não são deliberadamente programadas, seu objeto de interesse é o cotidiano de grupos considerados por alguns como “pouco convencionais” aos quais ela está ligada afetivamente, como, por exemplo, *drag queens*. O que nos interessa pontuar no presente trabalho são as possibilidades de construção de identidades de gênero não normativas apresentadas pelas imagens de Nan Goldin.

## 4 CONCLUSÕES

Até o momento tem se mostrado importante a tentativa de rearticular os conceitos de sexo e gênero, o que parece permitir ultrapassar a linha entre o certo e falseado, tornando possível à compreensão do sexo como materialização de uma ordem imposta. Dessa forma, também ele, e não só o gênero pode ser acertadamente entendido como reflexo da dominação binária do pensamento sobre o corpo. Através dessa rearticulação, também se faz possível romper com o paradoxo existencialista/construtivista que marca o debate entre as oposições sexo/natural gênero/cultural.

O que se pretende, não é a negação da real diferença anatômica entre homens e mulheres, e sim da naturalização de tal diferença desassociada da construção histórica e social que ela trás consigo. Judith Butler (1987) ao escrever sobre a famosa frase de Simone de Beauvoir – “não se nasce mulher, torna-se mulher”, considera que o “tornar-se” refere-se a um processo de incorporação do gênero, entendendo-o como um “projeto incessante, um ato diário de reconstrução e interpretação” (BUTLER, 1987, p. 142), algo que necessita de constante retoque.

Ao resgatar a dialética de um sujeito que age, mas é por igual afetado e dominado pela dinâmica na qual está inserido é possível fugir da vitimização da mulher e retirar dos ombros masculinos o peso da dominação como sendo um ato conscientemente racionalizado. No contexto da dominação, aqueles que dominam também sofrem os efeitos dessa lógica, e não é sem dramas e sofrimentos que os homens assumem esse papel. De certa forma, estão também eles dominados pela lógica na qual se encontram inseridos.

Quanto a reformulação da materialidade dos corpos, pela qual se faz possível a imposição do gênero, ela implica em uma remodelação da matéria como efeito de uma dinâmica de poder, de tal forma que a matéria dos corpos se torna indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação de efeitos materiais. No entanto, como testemunham as obras de Nan Goldin, alguns sujeitos são ainda capazes de encontrar pontos de fuga por entre a normalização binária de suas identidades.

## 5 REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo: a Experiência Viva. São Paulo: Difusão Européia Livro, 1960.

BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (coord.). Feminismo como Crítica da Modernidade Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

BOURDIEU, Pierre. Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. IN\_ LOURO, Lopes Guacira (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CITELI, Teresa Maria. Fazendo Diferença: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. IN\_Revista de Estudos Feministas - UFSC: Santa Catarina, vol.9, nº 1/2001.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HOLLANDA, de Buarque Heloisa. Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Lopes Guacira (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NYE, Andréia. Teoria Feminista e as Filosofias do Homem. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

SANTOS, Miryan Sepúlveda. Memória coletiva e teoria social. Annablume, 2003.